

JB 12.5.65

FLU - marco 77

RN ~~44~~ 45

Rubem Braga

3/5/69

A VELHINHA NO CARAMANCHÃO

A casa estava à venda. Batemos a campainha, alguém veio nos abrir o portão, e atravessamos um pequeno pomar-jardim delicioso, de sombra suave da manhã de sol; a casa ficava lá no fundo.

Eu esperava, não sei por que, encontrar uma casa branca, simpática, de varanda, com um jeito antigo e honesto. Era uma construção nova e pretensiosa, cheia de madeiras de lei e mármore italianos multicores, incômoda, espalhafatosa e cheia de peças mesquinhas.

Os donos gabaram muito a casa, disseram o preço (alto), explicaram que estavam tristíssimos por terem de mudar; saímos.

Sob as árvores ouvimos uma voz débil que vinha do caramanchão; ali estava uma velhinha magra, com um vestido escuro de feição antiga, que nos perguntava alguma coisa. Queria saber se havíamos chamado a gente lá de dentro. «Chamaram?» A mulher de meu amigo fez um gesto vago de assentimento: iamós chamar... Muito limpinha, muito arrumadinha na sua cadeira, a velha de cabelos brancos tinha um vago ar de dignidade ofendida em seus olhos azuis. Expliquei que, se era por nós que ela queria que chamássemos alguém da família, não era preciso: já havíamos visto a casa.

Creio que ela não entendeu o que eu disse; de repente pareceu se desinteressar de nós. Estava tão bem pousada ali sob aquele velho caramanchão (que certamente pertencera à casa antiga), combinava tanto com o verde da folhagem e o amarelo das alamandas que deu vontade de voltar lá dentro e perguntar ao casal desagradável se aquele preço estava incluído o caramanchão com a velhinha e sua cadeira, e aquele tico-tico que saltava nos ramos — tudo de uma harmonia simples e antiga, suave e familiar, que eles, os donos da casa, não mereciam mais ter.